

TURISMO E A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO EM ESPAÇOS CULTURAIS DE CURITIBA, PARANÁ, BRASIL

Ana Paula Perardt Farias
Larissa Dias Marques
Leticia Bartoszeck Nitsche

Resumo: A pesquisa aborda a relação do turismo com o patrimônio, tendo em vista a interpretação patrimonial em espaços culturais da cidade de Curitiba, Estado do Paraná. O trabalho teve como objetivo geral analisar as formas de comunicação do patrimônio com o público, disponibilizadas pelos espaços culturais, sob a perspectiva da interpretação do patrimônio. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória com uso de bibliografia para a construção da fundamentação teórica e para a elaboração de um instrumento de coleta de dados para observação das mídias interpretativas, o qual foi aplicado nos locais estudados. Como principais resultados, pode-se concluir que estes espaços utilizam-se predominantemente de mídias pessoais, limitando-se ao atendimento de grupos restritos e com agendamento. E ainda, fazem pouco uso de mídias impessoais que poderiam incentivar a interação do público de forma mais espontânea e continuada. Por fim, destaca-se a necessidade de implantação de planos interpretativos que proporcionem aos visitantes uma experiência capaz de propor reflexões sobre a riqueza histórico-cultural e a importância da preservação desses locais no contexto contemporâneo da cidade.

Palavras-chave: Turismo; Espaços culturais; Interpretação do patrimônio; Mídias interpretativas.

Abstract: The research deals with the relationship between tourism and heritage, in view of the heritage interpretation in cultural spaces of the city of Curitiba, State of Paraná. The main objective of this work was to analyze the ways in which heritage is communicated to the public, provided by cultural spaces, from the perspective of heritage interpretation. As for the methodology, it is an exploratory research with the use of bibliography to construct the theoretical basis and to elaborate a data collection instrument for the observation of the interpretive media, which was applied in the studied places. As main results, it can be concluded that these spaces are predominantly used for personal media, limited to the attendance of restricted groups and with scheduling. And yet, they make little use of impersonal media that could encourage public interaction more spontaneously and continuously. Finally, it is necessary to implement interpretive plans that provide visitors with an experience capable of proposing reflections on the historical-cultural richness and the importance of the preservation of these places in the contemporary context of the city.

Key-words: Tourism; Cultural spaces; Interpretation of equity; Interpretive media.

Introdução

Tem-se observado nos últimos anos o turismo e sua importância, atribuindo conceitos e segmentos, onde está ganhando espaço e visibilidade no Brasil, visto que o país possui muitas riquezas tanto naturais, quanto culturais, para ser investido de forma sustentável e preservando sua identidade.

Tendo em vista a segmentação do setor, o tema do presente artigo se contextualiza no segmento de turismo cultural, com o objetivo de estudar o patrimônio material em espaços culturais da capital paranaense, Curitiba.

Nesta perspectiva, a pesquisa tem por objetivo geral analisar as formas de comunicação do patrimônio com o público, disponibilizadas pelos espaços culturais através das chamadas mídias interpretativas, sob a perspectiva da interpretação do patrimônio. Assim, investiga-se a relação entre patrimônio e turismo nos seguintes espaços culturais da cidade de Curitiba - PR: Casa Romário Martins, Casa Hoffmann, Complexo Cultural Solar do Barão e Capela Santa Maria, todos localizados na região central da cidade, sendo que os três primeiros se encontram próximos e mais especificamente no Setor Histórico da capital paranaense.

Para Murta e Albano (2002, p. 23), mais que transmitir informações aos visitantes, a interpretação tem como objetivo principal mostrar a importância de um patrimônio e posteriormente conservá-lo. Para que essa preservação tenha sucesso, a interpretação deve relatar o quão especial é um determinado lugar.

Sendo assim, surgiu a necessidade de investigar o fato de que, mesmo Curitiba sendo uma cidade rica em atrativos e espaços culturais, que caracterizam a paisagem, tais como museus, galerias de arte, entre outros locais expositivos, totalizando mais de sessenta e cinco espaços (Guia Brasileiro de Museus, 2011, s/p; Fundação Cultural de Curitiba, 2017), não aproveita esse aparato para o turismo, visto que a pesquisa identificou o fato desses espaços não estarem conformados como atrativos turísticos, capazes de atrair um público considerável de visitantes.

As instituições mantenedoras desses locais cumprem seu papel de armazenar, classificar, proteger e expor o patrimônio ao público, porém não realizam outras ações mais concretas quanto à divulgação e interação com os visitantes em potencial. Dessa forma, entende-se que estes espaços poderiam obter maior visitação, corroborando com a expectativa de que o turismo cultural deve se configurar como uma das principais práticas de lazer da população e dos turistas, indo além das visitas escolares de cunho pedagógico, que atualmente representam o maior público que os frequenta.

A fim de obter os resultados necessários para cumprir o objetivo geral do trabalho, utilizou-se metodologia exploratória e descritiva, com o uso de um instrumento específico de coleta de dados, elaborado pelas autoras através da bibliografia existente e correlata ao tema da interpretação do patrimônio, além da técnica de observação através de visitas aos locais de

estudo, a fim de melhor identificar e analisar a infraestrutura e as mídias interpretativas adotadas por esses espaços culturais.

Este trabalho tem início com a introdução sobre a pesquisa em geral e parte para o desenvolvimento, no qual são discutidas questões referentes a turismo, interpretação do patrimônio, mídias interpretativas e apresentação dos espaços culturais pesquisados.

Após isso, um tópico específico é dedicado à explicação dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa e depois são analisados os dados obtidos, considerando a relação dos espaços culturais com o público através da comunicação interpretativa.

1. Turismo e patrimônio

Quando se pensa em patrimônio, logo se pensa no processo da memória na história do homem, possibilitando uma análise mais densa e real sobre o que aconteceu no passado. A partir disso, questiona-se a importância da valorização dessas memórias, que apontam para acontecimentos marcantes na história.

Para Enne (2004, p. 4), o que se guarda e armazena é o que se quer lembrar, pois o não mais visto tende ao esquecimento, visto que esses marcos históricos tem a função de manter ativo o sentimento de pertencimento a determinado vínculo de identificação, no caso, o próprio patrimônio material.

Apesar de se remeter a memória, defende-se aqui que o patrimônio precisa considerar o seu momento presente e as perspectivas para o futuro, não se limitando a ser uma fotografia do passado. Sobre o assunto Oliven (2009) critica que o processo de ‘congelamento’ está sempre presente na ideia de patrimônio e o compara com “o costume de dar banho de bronze nos primeiros sapatos de uma criança e guardá-los em cima da cristaleira de casa” (OLIVEN, 2009, p.80).

A perspectiva de compreender o patrimônio formado pelo passado e pelas transformações do momento e as vindouras, encontra no turismo uma função ideal, pois atribui aos espaços novos usos, principalmente ligados ao lazer cultural.

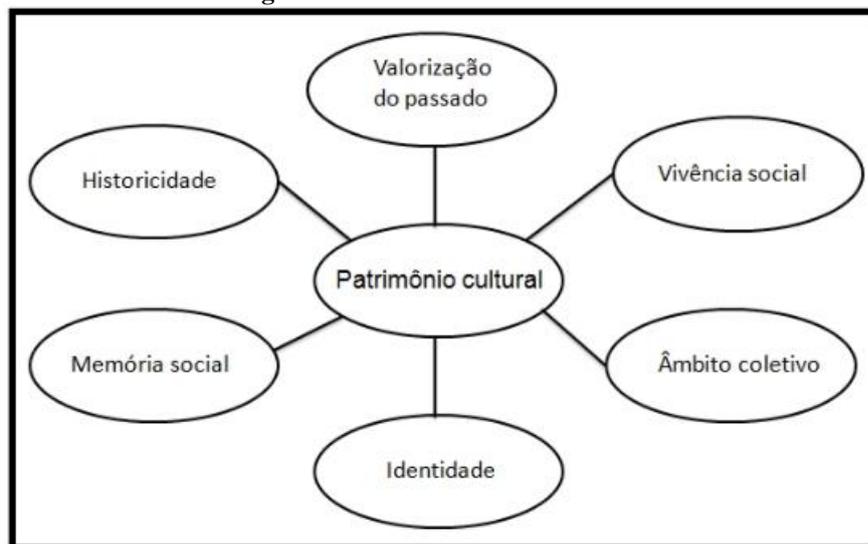
Desta maneira, o turismo torna-se um aliado para a valorização da memória do local e da identidade dos grupos, pois possibilita que os atores sociais de hoje sejam integrados no processo de produção da história. Para isto, a preservação da memória por meio da utilização e valorização do patrimônio torna-se favorável, pois reconhece a importância do contexto histórico e permite que as culturas se ressignifiquem.

O turismo transforma os bens culturais integrantes do patrimônio cultural, seja ele histórico ou educativo, em recurso econômico, onde se implica a necessidade de maior proteção a esses bens para que se garantam a continuidade e a sustentabilidade econômica e cultural (DIAS, 2006, p. 48).

A concepção de patrimônio cultural surgiu a partir da realidade do Estado nacional que considera que o patrimônio é comum a todos os membros de uma sociedade. Barretto (2000, p. 10) destaca que o patrimônio transformado em monumento passou a ser considerado um mediador entre passado e presente, uma âncora capaz de trazer sensações de continuidade em relação a um passado nacional, de ser um referencial capaz de permitir a identificação com uma nação.

O patrimônio cultural é fruto de uma vivência social, se desenvolve coletivamente e diz respeito à identidade de um grupo de indivíduos que construiu saberes e fazeres formando a memória social daquele local (ASHTON, 2009, p. 3). Segue a figura abaixo representando aspectos que compõem o patrimônio cultural:

Figura 1 – Patrimônio cultural urbano



Fonte: Ashton, 2009.

Na Figura 1 observa-se a importância da preservação da história local, bem como sua memória e identidade por meio do patrimônio material, principalmente pela valorização no presente para as futuras gerações.

A autora Zanirato (2009, p. 137) ressalta que o patrimônio é compreendido com os elementos materiais e imateriais, naturais ou culturais, herdados do passado ou criados no presente, no qual um determinado grupo reconhece sinais de sua identidade.

Quando se pensa em patrimônio, logo se remete na possibilidade das memórias e identidades ganharem materialidade. Além disso, o patrimônio também está relacionado ao sentimento de pertencimento, de herança, de um legado deixado de pai para filho. Dessa forma, vale salientar que a participação comunitária se torna essencial, pois a comunidade deve sentir que deve preservá-lo para as futuras gerações e que isso tem um papel importante em suas vidas. (FPTI, 2011, p. 6).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO (2017, s/p): “O patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade”.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2017, s/p): “O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis”.

O Iphan (2017, s/p) reconhece o patrimônio sob duas categorias: 1) patrimônio material e 2) patrimônio imaterial. Quanto ao patrimônio material:

[...] é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro livros do tomo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2017, s/p)

Entre os bens materiais brasileiros, alguns exemplos referem-se aos conjuntos arquitetônicos de cidades como: Ouro Preto (Minas Gerais), Paraty (Rio de Janeiro), Olinda (Pernambuco), entre outros.

Em relação à categoria de patrimônio imaterial, o Iphan (2017, s/p) salienta que:

[...] os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

No entanto, Zanirato (2009, p. 3) diz que os usos sociais do patrimônio correspondem aos modos socialmente construídos para a participação da sociedade em geral na identificação, conservação, estudo e transmissão dos bens que configuram a sua identidade. Isso implica que a população se sinta identificada com os elementos a serem preservados, se reconhecendo, para que eles se tornem, de fato, representativos dela e para ela.

Diante disso, vale salientar que a conservação e a valorização do patrimônio são objetivos de qualquer cidade que pretenda mostrar aos seus cidadãos e visitantes a imagem que pretende oferecer de si mesma. Deve-se potencializar os aspectos ligados ao conhecimento do patrimônio, bem como sua correta conservação e sua permanente valorização para o benefício comum de todos (DIAS, 2006, p. 47).

O reconhecimento do pertencimento coletivo do patrimônio acarreta esforços comuns para sua conservação, pois quanto mais coletivo e representativo eles forem, mais protegidos estarão.

2. Interpretação do patrimônio e uso das mídias interpretativas

Para que o turista sinta vontade de conhecer um lugar diferente, considerando ser este um patrimônio, deve ser levado em conta a intenção do visitante. Deve-se estimular a vontade de conhecer o novo despertando o interesse e a curiosidade (TOFFOLO; CARDOZO, 2013, p. 9).

Dessa forma, o patrimônio cultural vai além de um fenômeno turístico, podendo ser considerado um formador de intelectualidade humana, dando aspectos educacionais no momento da visita. (CARDOZO; MELO, 2009, p. 8). Portanto, por meio da educação patrimonial deve-se buscar um processo ativo de conhecimento e valorização da cultura e do patrimônio num processo contínuo. A aproximação da comunidade junto com o conhecimento crítico perante seu patrimônio despertará o sentimento de identidade e pertencimento.

Para os autores Cardozo e Melo (2009, p. 11) a interpretação patrimonial é uma ferramenta que tem como objetivo a educação, transmitindo conteúdos por um viés cultural, social e político, buscando a prática educacional. Os mesmos autores afirmam que a interpretação também pode ser considerada uma ação pedagógica e não apenas uma ferramenta, a qual se utiliza o turismo cultural como transmissão de informações para os seus visitantes.

Para Murta e Albano (2002, p. 14) o principal foco da interpretação é estabelecer uma comunicação direta e efetiva com o visitante, mantendo interfaces com o turismo, a preservação do patrimônio e o desenvolvimento cultural das comunidades locais. Para as mesmas autoras,

investir na interpretação significa agregar valor ao produto turístico, levando em conta a valorização do meio ambiente urbano e natural, a história e o saber-fazer cultural que contribuem para a diversificação do produto, estimulando novas experiências e visitas.

Nesse sentido, envolvendo a população local, a interpretação pode ser um aliado no desenvolvimento local sustentável. Uma comunidade que não conhece a si mesma, dificilmente poderá comunicar a importância de seu patrimônio. Deve levar os moradores a (re)descobrir novas formas de olhar e apreciar seu lugar, de forma a desenvolver atitudes de preservação com o patrimônio (MURTA; ALBANO, 2002, p. 11).

A interpretação do patrimônio cumpre uma dupla função de valorização segundo Murta e Albano (2002, p. 13), de um lado valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e apreciação do lugar visitado, de outro, valoriza o próprio patrimônio incorporando-o como atração turística.

Para Murta e Albano (2002, p. 14) interpretar o patrimônio, é o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que destaquem a história e as características culturais e ambientais de um lugar. Além disso, de acordo com Murta e Goodey (2002, p. 14) “mais que informar, interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é estimular a curiosidade, é entreter, é inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar experiências inesquecível com qualidade”.

A interpretação é essencial para mostrar porque determinado lugar é especial e qual o seu diferencial em relação aos outros. Carter (2001) esclarece que a herança que o patrimônio incorpora só será preservada se alguém achar que ela é importante e neste sentido, a interpretação é uma maneira de ajudar as pessoas a apreciar esta importância.

A comunidade deve deter a percepção juntamente com o turista para cuidar de um lugar, manter a preservação para o presente e o futuro, uma vez que serão lugares onde novas gerações irão usufruir do patrimônio (MURTA; ALBANO, 2002, p. 14).

Diante disso, os equipamentos e técnicas utilizados como ferramenta para interpretação do patrimônio podem ser inúmeros, segundo Toffolo e Cardozo (2013, p. 12) além de poderem ser guiados por uma pessoa que repassa as informações sobre um determinado patrimônio (objetos, documentos, fotos, edificações, entre outros). Por isso, serão apresentados os meios e as técnicas interpretativas que a autora Costa (2009, p. 163) divide de forma geral entre: autoguiadas e guiadas.

As interpretações autoguiadas são aquelas que se utilizam de equipamentos, ferramentas e materiais para repassar as informações aos visitantes e dispensa a presença do intérprete ou

guia, caracteriza-se como interpretação do tipo impessoal. Algumas dessas mídias são: publicações impressas, placas, painéis e letreiros, exposições, mostras e vitrines, reconstruções e modelos; meios animados de exibição; e multimídias e computadores (COSTA, 2009, p. 165).

Já as mídias guiadas são também chamadas de técnicas pessoais, são os meios interpretativos em que há um condutor, com o qual o visitante interage no decorrer de sua experiência. Estas podem ocorrer através de palestras interpretativas; imaginação guiada; viagens de fantasia ou viagens imaginárias; fantochada; caminhadas e passeios orientados; trilhas interpretativas; interpretação espontânea; demonstrações e história viva (COSTA, 2009, p. 174).

A interpretação patrimonial vem para auxiliar o turista em sua visita a um patrimônio, propiciando e facilitando a qualidade na prática do turismo, descobrindo e conhecendo um universo novo ou relembando o passado por meio de artefatos históricos. No entanto, os meios e técnicas são inúmeros, logo, devem ser planejados ao local escolhido, para não agredir visualmente um patrimônio e degradá-lo fisicamente (TOFFOLO; CARDOZO, 2013, p. 12).

3. Espaços culturais de Curitiba e o uso de mídias interpretativas

Os imigrantes europeus e de outros continentes, ao longo do século XX, na maioria alemães, poloneses, ucranianos e italianos, contribuíram para a diversidade cultural da cidade até hoje permanente e, deram um novo sentido ao cotidiano de Curitiba. Seus modos de ser e de fazer se integraram à cidade que hoje, com festas cívicas e religiosas de diversas etnias, dança, música, gastronomia, expressões e a memória dos antepassados (CURITIBA, 2017, s/p).

Também, foi no século XX, no cenário da cidade planejada, que a indústria se agregou com força ao perfil econômico antes embasado nas atividades comerciais e do setor de serviços. A cidade enfrentou, especialmente nos anos 1970, a urbanização acelerada em grande parte provocada pelas migrações do campo, oriundas da substituição da mão-de-obra agrícola pelas máquinas. Curitiba é considerada uma cidade planejada e premiada internacionalmente, em gestão urbana, meio ambiente e transporte coletivo (CURITIBA, 2017, s/p).

A capital paranaense, situada a 934 metros acima do nível do mar, possui uma população estimada, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017, s/p), de 1.879,355 habitantes. A presença dos imigrantes em Curitiba é representada nos diversos memoriais da imigração, em espaços públicos como parques e bosques municipais. Além disso, conforme mencionado anteriormente, a cidade conta com mais de sessenta e cinco espaços

culturais (Guia Brasileiro de Museus, 2011; Fundação Cultural de Curitiba, 2017, s/p) tais como museus, galerias de arte, bibliotecas e outros. Sendo que estes locais poderiam obter maior visitação, consolidando-se como opções de lazer cultural para a população e para os turistas.

Sendo assim, buscou-se compreender nesse estudo de que maneira alguns espaços, considerados como patrimônio histórico-culturais de Curitiba, utilizam as mídias interpretativas. São eles: Casa Romário Martins, Casa Hoffmann, Solar do Barão e Capela Santa Maria que serão abordados no capítulo a seguir.

Serão abordados aspectos históricos e memoriais dos espaços estudados, bem como o que eles representam e apresentam atualmente, conforme se desenvolve a seguir.

O primeiro espaço cultural a ser descrito, é a Casa Romário Martins, localizada no Setor Histórico de Curitiba, considerada a segunda edificação mais antiga da cidade, tornou-se um espaço permanente de exposições culturais dos mais variados estilos, dando preferência a exposições de artistas paranaenses. A casa representa o último exemplar da arquitetura colonial portuguesa. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2017; DESCUBRA CURITIBA, 2017).

Na Figura 2, observa-se a Casa Romário Martins, localizada no Centro Histórico de Curitiba:

Figura 2 – Casa Romário Martins



Fonte: Centro Histórico de Curitiba, 2017.

O segundo espaço cultural é a Casa Hoffmann, sede do Centro de Estudos do Movimento, é um espaço cultural que se destina à exploração de novas estéticas do movimento. O local é referência para artistas e outros profissionais com atuação nas áreas de dança, teatro, artes plásticas e educação. Construída pela família Hoffmann, em 1890, a casa é símbolo da prosperidade de uma família de tecelões austríacos que se mudou para o Brasil no final do século XIX (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2017, s/p).

Figura 3 – Casa Hoffmann, localizada no Largo da Ordem, em Curitiba



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2017.

O espaço cultural, Solar do Barão funciona como um complexo cultural no Centro Histórico de Curitiba. Abriga diversas funcionalidades da Fundação Cultural de Curitiba que se relacionam a temas como artes gráficas, cursos de artes visuais, salas de exposições, ateliês de gravura, auditório, biblioteca, e muito mais. As obras do Solar do Barão tiveram início em 1880, para servir de residência ao ervateiro Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2017, s/p).

Na figura abaixo, apresenta-se o espaço cultural Solar do Barão no Centro Histórico de Curitiba:

Figura 4 – Solar do Barão, situado no Centro Histórico



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2017.

O último espaço cultural apresentado é a Capela Santa Maria, localizada no centro da cidade de Curitiba - PR, em estilo neoclássico já fez parte de um conjunto de edificações que formavam as antigas instalações do chamado Colégio Santa Maria, que funcionou no local por quase 60 anos. Foi restaurada, adaptada e transformada em uma sala de concertos de música

erudita e, desde 2008, abriga a “sede da Camerata Antiqua de Curitiba, grupo de coro e orquestra fundado em 1974 e mantido pela Prefeitura Municipal da cidade”. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2017 s/p; CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2017 s/p).

Abaixo, pode-se ver a fachada da Capela e sua localização entre as Ruas Marechal Deodoro e Conselheiro Laurindo:

Figura 5 – Capela Santa Maria, localizada no Centro de Curitiba



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2017.

Dessa forma, a partir da apresentação de um breve histórico dos locais pesquisados e suas respectivas atividades, será explicado, a seguir, a metodologia utilizada nesta pesquisa e os instrumentos de coleta de dados escolhidos para obter e interpretar os resultados.

4. Metodologia

A pesquisa teve como objeto de análise quatro espaços expositivos localizados no centro histórico da cidade, os quais representam arte e cultura e promovem intercâmbios entre artistas das mais variadas linguagens e divulgação desses trabalhos ao público em geral.

Assim, tem-se como objetivo estudar esses locais e analisar de que forma os mesmos utilizam as mídias interpretativas para atrair e informar os visitantes e turistas, auxiliando-os na interpretação dos lugares, tanto de seu ambiente interno quanto externo.

Para isso, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória, bibliográfica, a partir da consulta de livros, periódicos, artigos, sítios eletrônicos e outros documentos que permitiram apresentar o campo de estudo, bem como os temas a ele relacionados, principalmente no que diz respeito ao turismo, ao patrimônio cultural e às suas ferramentas de interpretação, no caso

as mídias interpretativas. Segundo Gil (2009, p. 27-28), as pesquisas exploratórias objetivam “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias [...] e são as que apresentam menor rigidez no planejamento”.

Sendo assim, de forma geral, essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa que, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 269), “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”, fornecendo informações mais detalhadas sobre vários fatores sociais.

O instrumento de coleta de dados utilizado como roteiro de observação e análise das mídias interpretativas foi elaborado com base em Murta e Albano (2002) e Costa (2009).

Neste instrumento, o conteúdo sobre mídias interpretativas contido em Costa (2009) foi adaptado para o papel como uma espécie de *check-list*, permitindo aos pesquisadores realizar anotações *in loco* e reais, sobre quais mídias existem, como elas estão dispostas e de que forma auxiliam os visitantes a se localizar (histórica e culturalmente) nos espaços analisados.

Para tanto, o formulário foi dividido em quatro partes: mídias impessoais, pessoais, infraestrutura e um espaço para anotações, nas quais os pesquisadores deveriam observar e conhecer bem o local, num primeiro momento, verificando a existência dessas mídias impessoais (placas, letreiros, publicações impressas, exposições, multimídia, entre outras) e pessoais (visitas guiadas, mediações, palestras interpretativas, caminhadas orientadas, entre outras) para depois, num segundo momento, poder realizar uma análise mais detalhada dos resultados obtidos a partir da técnica de observação que, segundo Gil (2009, p. 100), “nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”.

O fato de ter sido elaborado um plano de observação para a ida a campo, caracteriza a pesquisa como uma observação sistemática, na qual o pesquisador sabe os fatos mais significativos que precisa observar, realizando o registro por meio de anotações ou da gravação de sons e imagens (GIL, 2009).

Assim também ocorreu com a análise da infraestrutura dos espaços, em que foi verificada a existência de sanitários, acessibilidade, informações suficientes e visíveis aos visitantes, entre outras condições mínimas para recebê-los e proporcionar uma visita agradável.

Vale mencionar que a coleta de dados a campo teve a participação de alunos de graduação do curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná – UFPR, dentro do programa da disciplina de “Turismo e Patrimônio” durante o primeiro semestre do ano de 2016.

A partir da coleta de dados a campo e da pesquisa bibliográfica e documental, foi possível obter os resultados que se apresentam a seguir.

5. Análise dos dados

Durante a pesquisa observou-se que os espaços acima citados se utilizam predominantemente de mídias pessoais (meios interpretativos em que há um condutor, com o qual o visitante interage no decorrer de sua atividade), limitando-se às mídias impessoais (quando o local utiliza equipamentos, ferramentas e materiais para repassar informações aos visitantes, como por exemplo: uso de publicações impressas, placas, painéis e letreiros, exposições, entre outros) principalmente no que diz respeito ao atendimento de grupos restritos e com agendamento.

Além disso, as mídias impessoais, quando aparecem, são pouco difundidas e não são utilizadas de uma forma ideal, que poderia incentivar a interação do público de forma mais espontânea e continuada.

A tabela 01, abaixo, apresenta uma análise sucinta das mídias pessoais e impessoais encontradas nos quatro locais pesquisados, a fim de poder analisá-las posteriormente.

Tabela 01 – Síntese da Análise de Resultados: espaços culturais pesquisados *versus* uso de mídias interpretativas

Espaços Culturais	Mídias Pessoais	Mídias Impessoais
Casa Romário Martins	.Visitas monitoradas.	.Poucos recursos audiovisuais para atrair visitantes. .Ausência de placas no seu interior.
Casa Hoffmann	.Possui funcionários à disposição, porém não oferece <i>tour</i> guiado.	.Ausência de placas no seu interior.
Complexo Cultural Solar do Barão	.Não dispõe de intérpretes e não oferece palestras. .É possível agendar passeio orientado.	.Apresenta várias exposições de artes visuais e alguns painéis contando a história do local.
Capela Santa Maria	.Ausência de mídias pessoais.	.Publicações impressas, exposições, painel explicativo.

Fonte: As autoras, 2017.

A partir dos resultados obtidos com a realização da pesquisa a campo, foi possível perceber que a Casa Romário Martins utiliza poucas mídias interpretativas e recursos audiovisuais para atrair os visitantes ou mesmo para expor os materiais que ali são apresentados regularmente. A casa possui poucas divisões, apresenta uma placa externa com seu nome, sem

muitas intervenções por se tratar de um bem tombado, e no seu interior não se encontram outras placas que informem sobre a história do local ou alguma pessoa que possa ser indicada para tal.

A casa participa de um programa de ação educativa promovido pela Fundação Cultural de Curitiba que é pouco divulgado para quem a visita e, além disso, as visitas monitoradas são agendadas somente de segunda a sexta, fazendo com que esse recurso seja mais aproveitado pelas escolas da cidade, como foi possível observar na pesquisa a campo.

A Casa Hoffmann também possui um quadro parecido com relação aos usos de mídias interpretativas em busca de atratividade, carecendo das mesmas e usando poucos recursos. O local é tombado e, por esse motivo, não pode ter placas fixadas em sua fachada externa e em seu interior (provavelmente pela mesma razão), dificultando o uso das mídias impessoais, como painéis, exposições, entre outros. Além disso, o local poderia apresentar ao visitante algumas placas que contassem sua história e/ou descrevessem a origem do seu nome.

A Casa Hoffmann possui uma localização estratégica e espaço amplo, facilitando sua visitação e utilização; no entanto, um dos pontos negativos é que a mesma não possui acervo relacionado com o seu passado e sua história. Apenas possui funcionários à disposição caso surjam dúvidas por parte dos visitantes, mas sem oferecer-lhes um *tour* guiado, mais específico pelas salas do local.

O Complexo Solar do Barão, por sua vez, necessita de um número maior de mídias interpretativas para captar a atenção do público. O local utiliza mais mídias impessoais do que pessoais, como por exemplo exposições de artes visuais não fixas (vale ressaltar a alternância nas exposições), fazendo com que o visitante se interesse por várias temáticas abertas ao público.

Em relação às mídias pessoais, o local não apresenta palestras interpretativas, mas permite o agendamento de passeio orientado. Além disso, a relevância histórica e cultural do local é abordada em painéis situados no anexo original, sendo essa a maior referência ao passado inerente ao Complexo Solar do Barão.

Outro ponto forte do local são as salas disponíveis para exposições, reuniões e cursos de artes visuais, bem como outras atividades de caráter cultural que são oferecidas de forma gratuita para a comunidade. Nos pontos a melhorar, observa-se a necessidade de um mediador para atender e esclarecer as dúvidas dos visitantes ou um painel sobre as obras expostas.

Continuando a análise, um dos principais dilemas enfrentados pela Capela Santa Maria é a ausência de mídias interpretativas que permitam a interpretação do patrimônio. O histórico da Capela Santa Maria como instituição de ensino foi se perdendo ao longo dos anos, sendo

somente lembrada como espaço musical. Dessa forma, todas as mídias interpretativas são referenciadas à Camerata Antíqua de Curitiba – CAC.

Sobre as mídias impessoais podem ser destacadas as publicações impressas e as exposições. Sobre as publicações, o único material impresso disponível na Capela Santa Maria é o guia da programação da CAC. Sobre as exposições, no *hall* de entrada do edifício se encontra um painel explicativo da história da CAC que é complementado por um mural de fotos de apresentações que já ocorreram. As mídias pessoais são pouco empregadas.

Percebe-se diante dos resultados obtidos, que os espaços culturais selecionados fazem pouco uso de mídias impessoais que poderiam incentivar a interação do público de forma mais espontânea e continuada. Além disso, vale ressaltar que poderiam ser feitos estudos e planos interpretativos para as melhorias empregadas nas mídias dos espaços culturais, a fim de contemplar melhor a história e o patrimônio material curitibano para seus moradores e visitantes.

Considerações finais

Este trabalho possibilitou o reconhecimento e análise de espaços histórico-culturais da cidade de Curitiba que muitas vezes acabam por não receber a devida atenção, seja por parte de moradores, turistas e visitantes, ou pelos órgãos responsáveis por sua administração. Isso acaba por promover uma série de fatores negativos, como observado através dos dados obtidos: taxa de visitação mais baixa; falta de identificação e reconhecimento desses locais por parte dos moradores, muitas vezes provocada por uma divulgação insuficiente ou também ineficiente, o que acaba afetando da mesma forma a visitação dos turistas em relação à falta de informações prestadas; e não-aproveitamento ou aproveitamento baixo da capacidade cultural que os espaços possuem e que poderia ser melhor trabalhada em prol da conscientização dos seus visitantes a partir da valorização e interpretação do patrimônio.

Através das pesquisas realizadas em livros, periódicos, documentos e a campo, foi possível analisar de que forma e até que ponto esses espaços têm utilizado os recursos advindos das mídias pessoais e impessoais para otimizar a visita e atrair o interesse dos visitantes para que estes não só tenham oportunidade de registrar presença no local através de uma foto em sua fachada ou em um livro de assinaturas na entrada, mas para que também possam adentrar esses lugares, mergulhar nas suas histórias, suas memórias, seu passado ainda cheio de vida e seus

traços arquitetônicos que remetem à uma outra época, trazendo à tona uma sensação agradável, de lembrança e afeto por situações já vividas ou contadas de geração em geração.

Nesse sentido, verificou-se que os locais pesquisados utilizam mais os recursos relacionados às mídias pessoais, através de placas, painéis (às vezes já gastos e ilegíveis, ou instalados em locais de pouco acesso e difícil visualização), e visitas monitoradas, pouco divulgadas e agendadas para grupos, que em sua maioria são grupos escolares, de alunos em atividade extraclasse.

O que também se nota a partir dos resultados é que falta estrutura, pessoal capacitado, interesse (de todos os envolvidos) e um estudo mais aprofundado quanto às necessidades de cada espaço para tornar esses locais mais dinâmicos, atrativos e conhecidos, ressaltando suas características únicas e importância cultural. Isso poderia ser alcançado, por exemplo, a partir do uso de mídias interpretativas impessoais, estimulando a participação espontânea e interação lúdica do público com o local visitado, ou outras ferramentas que fossem mais adequadas e concernentes às especificidades de cada espaço, como por exemplo a instalação de placas móveis, exposições fixas ou outras mídias que contassem a história desses locais através da interpretação do patrimônio.

Finalmente, cabe ressaltar que a pesquisa não se encerra aqui e dá margem a futuros estudos que possam contribuir com soluções práticas a respeito do uso das mídias interpretativas em espaços culturais, como por exemplo a elaboração e implantação de planos interpretativos capazes de promover uma experiência sensorial e reflexiva sobre a história e cultura desses locais e, por conseguinte, incentivando a preservação constante dos mesmos.

Referências

ASHTON, Mary Sandra Guerra. **Espaços de turismo, esporte e lazer destinados a visitantes e residentes**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 13, N. 128, Janeiro, 2009

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000

CARDOZO, Poliana Fabíula; MELO, Alessandro de. **Patrimônio e educação patrimonial numa perspectiva humano-genérica**. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v. 9, Núm. 3, p. 1-14, 2009

CARTER, J. (Ed.). *A Sense of Place: na interpretive planning handbook*. Um sentido de lugar: manual de planejamento interpretativo. 2. ed. rev., 2001

CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA. Disponível em:
<<http://www.centrohistoricodecuritiba.com.br/>>. Acesso em 03 de Maio de 2017

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e Patrimônio Cultural**: interpretações e qualificação. São Paulo: Editora Senac, 2009

CURITIBA. **Perfil de Curitiba**, 2017. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/>>. Acesso em: 03 de Maio de 2017

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006

ENNE, Ana Lucia. **Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa**. Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis – Santa Catarina, 2004. Disponível em:
<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6594/3702>>. Acesso em: 27 de Abril de 2017

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. Disponível em:
<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/>>. Acesso em 03 de Maio de 2017

FUNDAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU - FPTI. **Documento institucional**. Tema de interesse turismo, 2011. Disponível em:
<http://www.pti.org.br/sites/default/files/2anexo_i_temas_de_interesse_20111.pdf>. Acesso em: 03 de Maio de 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Paraná: Curitiba**, 2017. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410690&search=||infoгр%Е1ficos:-informa%Е7%F5es-completas>>. Acesso em: 27 de Maio de 2017

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Site institucional**, 2017. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaInicial.do>>. Acesso em: 03 de Maio de 2017

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o Patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Território Brasília, 2002

OLIVEN, Ruben George. **Patrimônio intangível**: considerações iniciais. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, 2. Ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – UNESCO. **Site institucional**. Disponível em: <<http://en.unesco.org>>. Acesso em: 03 de Maio de 2017

TOFFOLO, Regina; CARDOZO, Poliana Fabíula. **Interpretação patrimonial como forma de valorização das edificações e o desenvolvimento turístico do município de Lapa (Paraná, Brasil)**. Revista Turismo e Sociedade, Curitiba, v. 6, n. 4, 2013

ZANIRATO, Silvia Helena. **Usos sociais do patrimônio cultural e natural.** Revista Patrimônio e Memória, v. 5, n. 1, p. 137-152, out, 2009